



MEU PERCURSO FORMATIVO NA ÁREA DE LATIM NO IEL-UNICAMP: UM RELATO PESSOAL

MY FORMATIVE PATHWAY IN THE FIELD OF LATIN AT IEL-UNICAMP: A PERSONAL REPORT

Matheus Trevizam*

* mattrevi2017@gmail.com

Professor associado IV da Universidade Federal de Minas Gerais.

Resumo: Com esta contribuição, pretendo descrever, de uma forma geral, como me interessei pela área dos Clássicos quando ainda era aluno do IEL-Unicamp, onde me graduei em Língua e Literatura Portuguesa. Depois, fiz meu mestrado e doutorado em Linguística, com foco específico em estudos sobre a Antiguidade Romana. Assim, comento o fascínio despertado em mim, desde as minhas primeiras aulas no Instituto, não só pelo contato com a língua milenar, mas também com sua literatura; ademais, atribuo tal efeito, além de às potencialidades instrutivas do latim em si, à habilidade e sabedoria de meus antigos professores. Em seguida, aos poucos explico como aprofundei meu contato com os Estudos Clássicos no IEL, primeiro desenvolvendo atividades de monitor de latim para os respectivos cursos de graduação; em seguida, trabalhando em um projeto de iniciação científica, cujo objetivo era preparar uma tradução parcial de Suetônio. Por fim, faço comentários sobre a forma como decidi proceder à pós-graduação nessa área e obtive os dois últimos diplomas mencionados.

Palavras-chave: latim; formação; memória; percurso.

ABSTRACT: With this contribution, my aim is to describe, generally speaking, how I became interested in the area of Classics when I was still a student at IEL-Unicamp, where I earned an undergraduate degree in Portuguese Language and Literature. It was where I also graduated in my master's and my PhD degrees in Linguistics afterwards, specifically focused on studies about Roman Antiquity. Thus, I comment about my fascination, since my first classes at the Institute, not only through the contact with the ancient language, but also with its literature; besides, I ascribe such an effect, along with the instructive potentialities of Latin on their own, to the skillfulness and wisdom of my former professors. I then explain, gradually, how I made my contact with Classical Studies deeper at IEL, firstly developing activities as a Latin instructor for the corresponding undergraduate courses; next, working in a basic scientific research project, whose aim was to prepare a partial translation of Suetonius. Finally, I make comments on the way I decided to proceed to graduate studies in this area and completed the two last-mentioned degrees.

Keywords: Latin; formation; memory; pathway.

Para o prof.
Paulo Sérgio de Vasconcellos

Ingressei no curso de Bacharelado e Licenciatura em Letras do IEL-Unicamp – Língua Portuguesa e Literatura – no primeiro semestre de 1996: sendo egresso do segundo grau no fim de 1994, tive antes um percurso não tão linear até chegar a essa escola. Assim, por uma escolha que hoje considero equivocada, tinha pensado que minha “vocação” era a carreira de Arquitetura e Urbanismo e, efetivamente, iniciei esse curso na “Escola de Engenharia de São Carlos” (EESC-USP), depois da aprovação em concorrido processo seletivo pela FUVEST – em que não faltou sequer uma prova de aptidão, na qual fomos solicitados a desenhar os contornos da igreja da Pampulha, em Belo Horizonte –, no ano de 1995.

No curso de Arquitetura, sem entusiasmo pelas exatas, que, logo percebi, “pipocavam” boa parte do *curriculum* e bem menos habilidoso que muitos colegas para uma paixão de infância – o desenho –, minimizavam meu deslocamento as disciplinas “de Humanas” que, felizmente, ajudavam a temperar a tecnicidade dos cálculos e projetos arquitetônicos. Uma comunicativa professora, cuja especialidade era a sociologia, fazia-nos refletir criticamente,

através de leituras e discussões, sobre temas essenciais como as concepções de Cidade ao longo do tempo.

Outra docente, a profa. Roti Nielba Turin, enveredada pela semiótica, ministrava oportuna disciplina sobre “elementos de linguagem”: afinal, o homem comunica e simboliza falando, escrevendo um poema, traçando as linhas de um monumento... A profa. Turin, diga-se de passagem, tinha formação em Letras Clássicas, de modo que o conhecimento das línguas e literaturas antigas não lhe era estranho e que esse saber adentrava suas aulas inclusive com bem dosados comentários sobre as etimologias do português, nosso instrumento comunicativo por excelência.

Também, era com ouvido atento que eu passava ao lado do prédio onde, na Escola de Engenharia, eram ministradas as aulas nos cursos do Centro de idiomas dessa Instituição. Além do indefectível inglês – disciplina, sabemos, indispensável para o aprofundamento dos estudos universitários em qualquer área –, ali ressoavam o espanhol, o francês, o holandês e outras línguas à escolha dos interessados. Em outro espaço da EESC-USP, a(s) Biblioteca(s) especializada(s), além dos livros das disciplinas acadêmicas propriamente ditas, era prazeroso fruir, junto aos compêndios de História da Arte,

eventuais obras literárias para descoberta nas horas vagas do estudo.

Ao final desse ano, intuindo que uma escolha de carreira mais focada em minhas aptidões, não em eventuais “apelos do mercado de trabalho” (ou no suposto “prestígio” de algumas profissões), poderia levar-me a ter mais gosto pelo curso universitário que escolhesse, novamente prestei vestibular, desta vez para Letras. Depois da aprovação para o ingresso em cursos de Letras na Universidade de São Paulo (especificamente, na carreira de Língua e Literatura inglesa), na UNESP de Araraquara (onde minhas opções de línguas do *curriculum* seriam inglês-português e alemão, segunda língua estrangeira) e no IEL-Unicamp, embora mais ou menos irresoluto entre as opções principais de estudar inglês na USP ou português na Unicamp, acabei decidindo-me pela segunda formação.

Por quê? Os fatores práticos pesaram, sem dúvida, pois nasci na cidade de Campinas/SP, em 1977, e cresci na cidade próxima de Americana, tendo a maioria dos familiares espalhados por essa região. Assim, a perspectiva de minha mudança para a cidade de São Paulo soava um tanto drástica para mim mesmo, jovem que era, e para meus pais, diante da complexidade da vida cotidiana em uma megalópole como essa e, é claro, dos custos quando

comparados com aqueles dos estudos “no interior” (mas na verdade Campinas, contando hoje com mais de um milhão e duzentos mil habitantes, nada tem de um pacato lugarejo interiorano...).

Além disso, bons amigos que vinham aconselhar-me, quer requisitados, quer por sua vontade, fizeram ver mais de uma vez que a possibilidade de estudar na Unicamp seria um privilégio não, em absoluto, negligenciável. Afinal, em poucas Instituições públicas e/ou privadas brasileiras encontramos a estrutura dessa Universidade, a qual, não será exagerado dizer, é respeitada nacional e internacionalmente pela qualificação de seu corpo docente, pelo nível e volume das pesquisas, pela competência de interação com a sociedade que demonstra.

Depois de poucos dias frequentando a habilitação de Língua e Literatura inglesa na FFLCH-USP, assim, tomei o rumo definitivo de permanecer “mais perto de casa” e iniciei o curso no IEL, em inícios de 1996. A reconstrução dessa trajetória, que agora remonta a vinte e cinco anos, em parte apenas pode ser feita com base em memórias afetivas, havendo poucos dados concretos para amparar certas lembranças. Desculpo-me de antemão, assim, por eventuais imprecisões, omissões e falhas, já que o passado, olhado à distância, sempre assume um quê de alteridade,

inclusive para a “mesma” pessoa que o viveu. Creio ser a este sentimento que se refere o poema “cerâmica”, de Carlos Drummond de Andrade, quando afirma:

“Cerâmica”

Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.
Sem uso,
Ela nos espia do aparador.
(ANDRADE, 2015, p. 363)

Algum ponto de apoio encontro, nesse breve processo de (re)escrita de meu percurso no aprendizado da(s) língua(s) e cultura(s) Clássica(s), sobretudo latina, em alguns documentos antigos e mais ou menos escassos, a essa altura da vida. Então, no “Histórico escolar” emitido pela Diretoria “Acadêmica da Unicamp” em 24 de dezembro de 1999, encontro a distribuição de disciplinas por mim cursadas semestre a semestre na graduação, com acompanhamento, além de seus nomes, das médias finais obtidas, da carga-horária e dos créditos correspondentes. Não é o caso de discriminá-las todas ao longo do curso, mas, já no primeiro semestre de 1996, vê-se com clareza que a sigla HL 143 corresponde a “Latim I”, com 60 horas/aula.

Em meu primeiro dia de aula no curso de Letras da Unicamp, lembro-me muito bem, a primeira disciplina que tive o feliz acaso de frequentar foi justamente essa, ministrada pelo prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos no Instituto: nesse sentido, a primeira aula de Latim I do IEL, naquele semestre, foi para mim duplamente inaugural, por abrir-me as perspectivas de um novo leque de formação e, ao longo do tempo, de uma verdadeira escolha de vida. Minha impressão a respeito do que via e ouvia nessas aulas iniciais de língua latina não poderia ter sido mais positiva: destaque, sobretudo, a chance de alargamento de visão que representa conhecer esse idioma antigo e a correspondente cultura.

De fato, o estudante atento do latim vai aos poucos compreendendo que a Antiguidade Clássica (nela incluída a contribuição helênica, é claro) ajudou, com o perdão do “clichê”, a cimentar as próprias bases do que hoje chamamos Ocidente.¹ Apesar das diferenças de superfície entre as grandes línguas ocidentais – além do português, o espanhol, o francês, o inglês etc. –, mantém-se o lastro comum da herança greco-romana em sua gramática e/ou vocabulário, por exemplo, atestando que os ancestrais dos povos que ainda hoje as utilizam tiveram por milênios, em distintas variedades do latim, bem como

1. Para uma abordagem abrangente, veja-se Goldhill (2007).

em suas formas expressivas e de pensamento, indelévels referenciais civilizatórios.

Em outras palavras, a chama da “língua morta” de Roma, bem como de sua cultura, foi quase sempre percebida à maneira de algo precioso, que não convinha perder, mas sim manter ou até reavivar – como se deu exemplarmente durante o Renascimento italiano. Era maravilhoso, então, poder descobrir, pelas mãos do docente de latim citado, como esse idioma – longe de ser algo “extinto” e “estranho” – na verdade se entranhara até as raízes do mundo em que vivemos, servindo de elo de ligação entre as mais diferentes línguas e culturas de matriz europeia.

Semelhante processo de descoberta era facilitado pela estratégia didática do professor Paulo Sérgio, muitas vezes, de comparar as várias línguas que conhecia (além das românicas estrangeiras e do vernáculo, as germânicas – alemão e inglês – e o grego) com o latim, objeto do ensinamento em sala de aula, assim se revelando frequentes pontos de contato – etimológicos, gramaticais, lexicais... – entre o antigo e o moderno, entre o idioma Clássico desconhecido (para nós, jovens estudantes) e outro mais familiar, nossa língua portuguesa.

Algo parecido com notarmos a importância do latim como foco gerador de infindáveis reformulações linguísticas posteriores ocorria também a partir da dimensão literária das Letras de Roma. Novamente, devemos à mão segura e ao talento didático do docente responsável pela supracitada disciplina HL 143 ter-nos aos poucos iniciado, juntamente com essa língua antiga, nos arcanos da tradição poética latina, apresentando nomes como o arcaico Tito Mácio Plauto – cujas peças eram adaptadas pelo material didático de latim em uso no IEL –, Catulo, Virgílio e outros.

Por meio dessa apresentação, entremeada com sabedoria e boa dosagem no contexto, repito, de aulas de língua e em um *curriculum* universitário não estruturado, estritamente, para formar professores de latim (ou grego) e sua literatura,² os alunos interessados começaram a compreender melhor que certas formas ou gêneros poéticos encontráveis em importantes autores de língua portuguesa (como Camões, os árcades mineiros, o contemporâneo Ariano Suassuna), ou de outros idiomas (um Shakespeare, um John Milton, um Dante Alighieri...), não tinham simplesmente sido “inventados” em tempos modernos, mas na verdade remontavam a rica tradição greco-romana multissecular.

2. Na época de meus estudos no Instituto, os diplomas oferecidos eram Bacharelado e Licenciatura em Letras/Português e Bacharelado em Linguística.

Então, gradualmente passou a ser possível para quem, como eu, desejava adquirir profunda bagagem de leituras entender que os temas da(s) literatura(s) Clássica podiam variar, mas também que muitas formas e *tópoi* expressivos de uma *Eneida* – logo lida em tradução a partir da curiosidade despertada desde as primeiras aulas de latim –, por exemplo, “sobreviviam” intocados na epopeia camoniana, a qual tinha conhecido com espanto (e razoável dificuldade) no contexto escolar do segundo grau. Nesse sentido, foi em mim despertada a viva compreensão de que a leitura e o estudo dos autores Clássicos de Roma Antiga não significaria absolutamente debruçar-me sobre o “cadáver” de uma época extinta, mas antes a possibilidade de adentrar, no limite, o próprio núcleo significativo de textos (re)escritos, lidos e relidos ainda em nosso tempo.

Durante o segundo semestre de 1996, no curso de Letras do IEL-Unicamp, continuamos com interesse o estudo do “Latim II” (o que atesta a presença, em meu “Histórico escolar”, da disciplina HL 243) nesse Instituto. No que dependesse de mim, pelos motivos expostos até agora, tal estudo teria continuado por minha livre e espontânea vontade, mesmo que a obtenção de créditos na disciplina de “Latim II” não fosse obrigatória – como acredito ter sido naquele momento, se não me falha a memória – para os estudantes de Letras. Afinal, boas sementes plantadas

em solo fértil – as mentes e corações de jovens alunos desejosos de conhecer – têm toda probabilidade de fincar raízes, desenvolver-se e frutificar no futuro.

Outros excelentes cursos, oferecidos por docentes de áreas distintas daquela das Letras Clássicas, ajudaram, é óbvio, a consolidar-me a formação. Exemplifico com um curso ministrado no mesmo segundo semestre de 1996 pela profa. Suzi Sperber, renomada especialista na produção do escritor brasileiro João Guimarães Rosa: trata-se da disciplina TL 203 (“Textos fundamentais de poesia”), em que o panorama de leituras e discussões não se restringiu ao *corpus* da literatura luso-brasileira, antes abrangendo vários autores e obras da produção poética mundial. Justamente, entre as obras lidas em tradução pelos alunos dessa disciplina, sob a recomendação da docente citada, estavam textos de capital importância, como a *Odisseia* homérica – na tradução de Carlos Alberto Nunes –, a poesia dos trovadores occitânicos, a exemplo de Raimbaut d’Aurenge (1147-1173) e Arnaut Daniel (1150-1210),³ excertos das *Metamorfoses* de Ovídio Nasão⁴ e outros.

Essa amostra de textos, já tão belos quando bem traduzidos, fazia-me intuir que valeria a pena conhecer os idiomas originais em que tinham sido escritos – como o latim e o grego –,⁵ a fim de aprimorar o contato com as

3. Augusto de Campos (1987) traduziu os trovadores provençais e publicou-os na obra com que tivemos contato na ocasião; vejam-se referências finais.
4. Aqui me refiro, especificamente, ao trecho “Morte de Narciso” (*Metamorfoses* III, 407-510), originalmente traduzido por Haroldo de Campos e publicado no jornal “Folha de São Paulo” em 21 de agosto de 1994. <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/21/mais!/10.html>> Acesso em 05 de junho de 2021.
5. Iniciando mais tardiamente, na graduação em Letras, o estudo do grego no IEL, cheguei a cursar do primeiro estágio até a disciplina HL 744 “Grego Clássico VII”, essa no primeiro semestre de 2006.

formas expressivas das obras. De fato, ainda hoje continuo acreditando que há certo núcleo intraduzível entre as línguas – mesmo as mais correlatas –, pois cada uma se imbuí de sonoridades, perspectivas conceituais e idiossincrasias que a lapidam de maneira única, jamais de todo “transponível” a outras paragens. Um meio ao meu alcance, então, para a consecução desse objetivo de estreitamento de contatos com as literaturas de outras épocas, povos e línguas correspondia justamente a persistir no aprendizado do idioma latino, cujos autores – não só poetas, por sinal – decerto dotaram a cultura ocidental de algumas de suas mais antológicas páginas.

É preciso referir que, depois do “Latim I” e “II” – de dois semestres de aprendizado da língua antiga no IEL-Unicamp, portanto –, as disciplinas ligadas a esse idioma continuavam a suceder-se em caráter *opcional* na formação dos alunos, muitos não apenas dos cursos de Letras ou Linguística do próprio IEL, mas ainda do vizinho IFCH, “Instituto de Filosofia e Ciências Humanas” (onde são ministrados cursos, além da própria Filosofia, de História, de Ciências Sociais etc.), do Instituto de Artes e de outras eventuais Faculdades ou Institutos universitários. Pude então cursar, do terceiro (primeiro semestre de 1997) ao oitavo e último semestre de minha graduação, HL 343

“Latim III”; HL 443 “Latim IV”; HL 543 “Latim V”; HL 643 “Latim VI”; HL 743 “Latim VII”; HL 843 “Latim VIII”.

Todas essas disciplinas, do “Latim III” ao “VIII”, contavam com um número de horas/aula reduzido pela metade em relação aos dois primeiros semestres, ou seja, apenas com 30 horas semestrais ou um único encontro com o(s) docente(s) por semana. Além do prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos, ministravam-nas outros docentes de latim do IEL, como o prof. Francisco Achcar, primeiro, e, em algum momento que não consigo precisar, também o prof. Marcos Aurélio Pereira. Nesses professores, divisávamos trajetórias acadêmicas e preocupações didáticas distintas, além de modos peculiares de estabelecer a relação professor-aluno em sala de aula. Então, ao lado do verdadeiro virtuosismo do primeiro – que tem encantado gerações de alunos e colegas –, caracterizava o prof. Achcar uma postura mais formal e forte exigência de disciplina intelectual dos discentes, o que não deixa de ser justificado em se tratando de estudos tão complexos quanto aqueles das línguas e literaturas Clássicas; no prof. Marcos, tivemos um docente muito bem preparado e acessível, sem perder de vista a impecável organização das aulas.

Como, repisamos, não havia habilitação em latim (ou grego) no IEL, apesar, temos dito, da possibilidade do

encaixe curricular dessas disciplinas ao longo do curso inteiro, as aulas de língua latina eram *sobretudo* voltadas para o ensino da gramática e da prática da tradução. Em outras palavras, apesar do competente aconselhamento dos docentes nesse sentido, em geral não havia disciplinas de estrita literatura latina (ou grega) na graduação do Instituto, o que muitas vezes nos motivou ao autodidatismo, realizado por meio de leituras (de obras ou estudos críticos) nas ricas Bibliotecas da Unicamp.

Junto com essa percepção de que nenhuma formação ocorre apenas em sala de aula, nem deve ser imputada à exclusiva responsabilidade dos professores de uma dada disciplina, fui tomando consciência de que poderia buscar maior estreitamento com a área de latim do IEL, cada vez mais determinado em prosseguir carreira como docente-pesquisador de Letras Clássicas. Esse objetivo começou a ser cumprido quando passei a atuar por vários semestres como monitor de latim no IEL –com bolsa do antigo FAEP, “Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa” da Unicamp –, do meio para o final do curso. No exercício dessa função de auxílio aos docentes, ora com a supervisão do prof. Paulo de Vasconcellos, ora com aquela do prof. Marcos Aurélio Pereira, pude dedicar-me, sob a forma de “plantões de dúvida”, presencialmente oferecidos por algumas horas semanais aos estudantes menos

adiantados de latim, a explicar pontos da gramática da língua àqueles que me procuravam a fim de sanar suas dificuldades, bem como a corrigir as pequenas tarefas “para casa” que lhes eram demandadas pelos professores da área.

Tratou-se de um momento importante em minha aquisição de experiências, já que a necessidade de auxiliar outros estudantes com seus eventuais problemas de aprendizado obviamente pressupunha estudo e melhor domínio dos pontos a serem explicados nos “plantões”, sem contar as habilidades comunicativas e a sensibilidade para interagir, é claro, com pessoas. Além disso, a parte vinculada à correção das tarefas pôde colocar-me em contato com outra face da futura atuação de um docente de língua latina, ou seja, a responsabilidade de dar retorno, por escrito, às tarefas dos alunos, eventualmente com a atribuição de pontos ao fim do(s) semestre(s).

No entanto, tendo-me decidido a enveredar definitivamente pela pesquisa na área do latim, dei um passo decisivo quando procurei o prof. Paulo de Vasconcellos a fim de iniciar os trabalhos de uma iniciação científica nessa especialidade. Por sugestão do docente, o texto escolhido como *corpus* da pesquisa foi, justamente, a “Vida de Augusto” do historiador Caio Suetônio Tranquilo (69-141

d.C.), a qual integra a conhecida obra *Vidas dos doze Césares*, com cobertura às biografias dos “imperadores” romanos de Caio Júlio César até Domiciano (segunda metade do séc. I d.C.). Esse projeto de iniciação científica, uma vez escrito, foi submetido à FAPESP, “Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo” com demanda de bolsa, a qual, obtida, manteve-se em vigência de 01 de março de 1999 a 31 de dezembro de 1999 (processo número 98/15199-5).⁶

Como bem sabem todos os que começam a traduzir em língua Clássica, o mero conhecimento da gramática, latina ou grega, não basta para dar ao tradutor a fluidez desde o início desejável para seu trabalho. Barreiras, assim, que de início parecem quase intransponíveis para os principiantes – como as peculiaridades de vocabulário e estilo dos autores, a necessidade de conjugar saberes linguísticos à mínima erudição interpretativa de textos cronologicamente “distintos” de nosso tempo etc. – fizeram com que, em alguns momentos, eu questionasse se esse era exatamente o tipo de pesquisa a que gostaria de continuar dedicado. No entanto, bem conduzidos pelas correções e, com firme brandura, direcionamentos metodológicos do orientador, pudemos, enfim, finalizar o trabalho a contento.⁷

Depois de minha formatura como bacharel e licenciado em Letras (Língua portuguesa e Literatura) pelo IEL-Unicamp, ao final de 1999, dediquei-me, no ano 2000, além de a um estágio de treinamento no curso pré-vestibular do DCE-Unicamp (com o objetivo de iniciar-me na docência da literatura luso-brasileira e de tornar-me corretor das redações dos candidatos ao vestibular no mesmo curso), ao estudo de algumas disciplinas adicionais de Linguística na graduação do IEL, bem como à busca de um tema de pesquisa que pudesse desenvolver durante um mestrado em latim no cabível Departamento do Instituto.⁸

Algum tempo antes, a propósito, tinha adquirido “por acaso”, em uma feira de livros na cidade de São Paulo, edição bilíngue latim-português da *Ars amatoria* de Ovídio.⁹ Desde a primeira leitura da tradução dessa obra – aos poucos arriscando-me a acompanhar também o latim que a espelhava no livro, é claro –, impressionou-me o frescor e elegância do poeta ao abordar um tema polêmico: os relacionamentos amorosos ligeiros entre homens e mulheres em plena Era de Augusto, imperador de cariz moralizante e repressor de tantas liberdades.¹⁰ Como, nesse momento de minha trajetória de aprendiz da língua e da cultura de Roma, já tinha em mãos algumas leituras e, com o amadurecimento pessoal

6. <<https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/40761/traducao-da-vita-augusti-de-suetonio/>> Acesso em 03 de junho de 2021.

7. Essa tradução, depois remanejada, foi publicada pela Editora da UFMG (SUETÔNIO, 2007, p. 51-115).

8. Não havendo, no IEL-Unicamp, “Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos” ou algo parecido, as disciplinas de grego e latim eram, e ainda são, acolhidas pelo “Departamento de Linguística” (não por aquele de Teoria Literária). O mesmo vale para a pós-graduação com temas de filologia greco-romana.

9. Trata-se da tradução de Natália Correia e David Mourão Ferreira (OVÍDIO, 1992), publicada no Brasil pela Editora *Ars poética*.

10. Veja-se no *Oxford Classical Dictionary* o verbete “Lex Iulia de Maritandis Ordinibus”, sobre um regulamento augustano que impelia ao casamento e à geração de filhos legítimos, praticamente, todos os cidadãos romanos. <<https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-8270>> Acesso em 05 de junho de 2021.

e intelectual que aos poucos trazem os anos, a capacidade de interconectar os saberes delas advindos, veio-me então a ideia de adotar para o estudo da *Ars amatoria*, durante o pretendido mestrado no IEL, o viés analítico dos gêneros poéticos.

Dessa maneira, sabendo que Ovídio combinara recursos da chamada “poesia didática antiga” com elementos da elegia erótica romana, tal como praticada na Antiguidade por poetas como Sexto Propércio e Álbio Tibulo (séc. I a.C.), para compor o poema em jogo, mas sem ter notícias de um estudo mais alentado que sistematizasse semelhante mescla genérica, redigi um projeto de pesquisa intitulado “A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da *Ars amatoria* de Ovídio”, tendo-o apresentado para inscrever-me no processo seletivo do mestrado em Linguística do IEL, com início previsto para o ano de 2001.

O feliz sucesso no exame, para o qual fui aprovado (o que, alguns anos mais tarde, voltaria a ocorrer também para o doutorado) entre os primeiros candidatos, determinou o começo de meus estudos de pós-graduação na última data referida, novamente sob a orientação do prof. Paulo de Vasconcellos e com o privilégio de uma bolsa da FAPESP, pelo período de dois anos (processo

número 00/11923-2).¹¹ No “Histórico escolar” datado de 24 de agosto de 2005 e emitido pela “Diretoria Acadêmica” da Unicamp, registram-se como disciplinas cursadas por mim, no mestrado, LL 042 “Introdução à Linguística Textual” e LL 127 “Discurso e Argumentação” (ambas no primeiro semestre de 2001); LL 909 “Tópicos de Língua e Cultura grega” e outros “8 Créditos Convalidados por Disciplina” (ambas no segundo semestre de 2001);¹² LL 406 “Leitura Individual Orientada” e LL 908 “Tópicos de Línguas e Culturas Clássicas (Grego e Latim)” (ambas no primeiro semestre de 2002); LL 298 “Tese de mestrado” (no segundo semestre de 2002).

Concomitantemente à obtenção desses créditos em disciplinas, que não eram poucos em um *curriculum* exigente, fui, desde o começo de 2001, dedicando-me à obtenção de material bibliográfico especializado para minha pesquisa, sobretudo por meio da compra de livros (muitos deles importados e de acesso difícil) e da busca em Bibliotecas físicas – como a do IEL-Unicamp e a da FFLCH-USP. Na época, a Internet e os meios digitais para obtenção de bibliografia de qualidade não permitiam os recursos que existem hoje, o que fazia de materiais simples, como meras cópias em xerox de artigos necessários para o estudo, verdadeiras preciosidades.

11. <<https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/82811/a-elegia-erotica-romana-e-a-tradicao-didascalica-como-matrizes-compositivas-da-ars-amatoria-de-ovidio/>> Acesso em 05 de maio de 2021.

12. Esses créditos devem ter correspondido a uma disciplina de pós-graduação que cursamos na FFLCH-USP nesse período, tendo-a ofertado o prof. Ariovaldo Augusto Peterlini; seu tema foi o discurso “Pro M. Marcello”, de Cícero.

Uma vez de posse de tal bibliografia, coloquei-me em processo de leitura constante sobre os temas da poesia didática e da elegia erótica romana: curiosamente, nessa etapa de meus trabalhos de preparo da dissertação de mestrado, nunca criei o hábito de fazer fichamento das obras lidas, por ser algo mais ou menos oneroso e dispensável, em minha opinião, para quem sempre anotava em quais páginas de cada livro estavam as informações mais necessárias. Leituras e leituras depois, cheguei a uma espécie de ponto de saturação mental diante de tantas informações, sendo-me não um sacrifício, mas antes uma necessidade começar a escrever os sucessivos capítulos do trabalho esperado. Esses fluíram de modo *prazeroso*, dentro do possível quando consideradas as inevitáveis pressões acadêmicas e da vida, e, antes do segundo semestre de 2002, próximo da data de defesa da dissertação no IEL, portanto, já estavam bastante estruturados, carecendo apenas de revisão e acertos.

Ainda, no momento dessa defesa no IEL, acrescentamos à versão da dissertação apresentada à banca a tradução filológica completa da *Ars amatoria* de Ovídio, acompanhada de notas explicativas.¹³ Por fim, uma vez revisada a parte referente às análises da mescla genérica na *Ars*, bem como a tradução completa do latim e as notas, defendi a dissertação dentro do prazo estipulado no Instituto (em inícios de

2003), sendo membros titulares de minha banca, além do orientador, prof. Paulo de Vasconcellos, os profs. Antônio da Silveira Mendonça (docente da FFLCH-USP por muitos anos e, depois, do próprio IEL-UNICAMP) e Joaquim Brasil Fontes Jr. (Faculdade de Educação da Unicamp).

O curso dos eventos (*interea fugit irreparabile tempus...*),¹⁴ porém, não podia esperar e, tendo prestado exames para o processo seletivo de doutorado em Linguística do mesmo IEL, iniciei esse curso ainda no primeiro semestre de 2003, sem a mudança do orientador e mais uma vez agraciado com uma bolsa da FAPESP (processo número 02/11083-0),¹⁵ pelo período de três anos. Nessa ocasião, o projeto proposto, não de todo estranho porque nele se aproveitaram pontos teóricos daquele anterior, chamou-se “Linguagem e interpretação na literatura agrária latina”. Justamente, ainda vinculado a um paradigma analítico de exame de textos através dos gêneros literários, intentei nesse projeto comparar os processos construtivos de três obras antigas: o manual *De agri cultura*, atribuído a Catão, o Velho (séc. III-II a.C.); o *De re rustica* de Varrão (aproximadamente, publicado em 39 a.C.); as *Geórgicas* de Virgílio (término em 29 a.C.).

Seu tema comum são os trabalhos e a vida nos campos da Antiguidade romana, mas os gêneros diferem, sendo

13. Posteriormente, essa tradução, revista, seria generosamente acolhida pela “Coleção Aurora” da Editora Mercado de Letras (Campinas, SP), coordenada pelos profs. Isabella Tardin Cardoso (IEL-Unicamp) e Paulo Sérgio de Vasconcellos, e publicada no ano de 2016.

14. Citação de Virgílio, *Geórgicas* III, 284: “enquanto isso, foge o tempo irreparável...”

15. <<https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/80720/linguagem-e-interpretacao-na-literatura-agraria-latina/>> Acesso em 05 de junho de 2021.

aquele do *De re rustica* o dialógico e o das *Geórgicas* – assim como o da *Ars amatoria* ovidiana – a poesia didática. Assim, inclusive aproveitando leituras e a experiência adquirida com o estudo e a tradução prévia de Ovídio, passei primeiro a descrever na parte teórica da tese quais estruturas genéricas “recortaram” a configuração de cada uma das obras do *corpus*, depois a explicar de que modo tais maquinarias distintas, assimilando pelas mãos dos autores os “mesmos” conteúdos rurais, devolviam ao público, conforme seria esperado, significados marcadamente próprios.

Conforme creio ter descrito naquele trabalho, tais textos se dispõem segundo uma crescente complexidade estrutural e de sentidos, indo da “cruza” comunicativa do manual catoniano, sem grandes espaços para a agregação de ideias subjacentes às palavras, até a elaboradíssima forma das *Geórgicas* de Virgílio e sua significação alegórica que ultrapassa, infinitamente, simples intentos de ensinar técnicas de plantio e pastoreio a “camponeses”. Funcionando ao modo de uma espécie de elo de ligação entre esses dois extremos, encontram-se os três diálogos *rerum rusticarum* de Varrão, com seus elementos literários, até certo ponto, híbridos, e, no entendimento de mais de um crítico, também revestidos de uma dimensão significativa alegórica (KRONENBERG, 2009, p. 76 et

seq.). Além disso nos propusemos, pelo menos em parte, a traduzir as duas obras em prosa do *corpus* da pesquisa de doutorado, por isso tendo sido possível acrescentar à versão defendida da tese nossa versão vernacular completa do *De agri cultura* e o primeiro livro do *De re rustica* varroniano.¹⁶

Concomitantemente a tais estudo e tradução, cursávamos as disciplinas de doutorado no IEL, com os registros seguintes no “Histórico escolar” datado de 18 de maio de 2006 e emitido pela “Diretoria Acadêmica” da Unicamp: LL 041 “Introdução à Análise do Discurso” e LL 909 “Tópicos de Língua e Cultura grega” (ambas no primeiro semestre de 2003); LL 413 “Seminário temático de Análise do Discurso” e LL 914 “Tópicos de Língua e Cultura latina” (ambas no segundo semestre de 2003); LL 398 “Tese de doutorado” (no primeiro e segundo semestre de 2004; no primeiro e segundo semestre de 2005); LL 998 “Estágio Docente em Estudos da Linguagem II” (no primeiro e segundo semestre de 2005).

Comentamos, há pouco, a questão prática da dificuldade, no Brasil, de obtenção de materiais bibliográficos mais especializados para pesquisas na área de Letras Clássicas, dificuldade essa, repito, ainda mais aguda há tempos, quando a Internet e seus recursos davam passos

16. Posteriormente, revisamos e publicamos as duas obras pela Editora da Unicamp (vejam-se “Referências” ao fim do artigo); a tradução varroniana esteve entre as finalistas do “Prêmio Jabuti”, no ano de 2013 (categoria tradutória). <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2013/09/19/editora-da-unicamp-tem-quatro-finalistas-do-premio-jabuti-2013>> Acesso em 05 de junho de 2021.

largos, mas iniciais. Então, na altura da escrita da tese, sobretudo carentes de bibliografia secundária para o aprofundamento do estudo de Catão e Varrão, foi-nos providencial a chance de realização de um curto estágio de pesquisa na Universidade de Paris IV – “Sorbonne”, onde nos acolheu o prof. Carlos Lévy, reconhecido docente de estudos latinos daquela Instituição.

Assim, entre setembro e novembro de 2004, sob a atenciosa disponibilidade do docente estrangeiro referido, tivemos acesso a excelentes e completíssimas Bibliotecas científicas da capital francesa – a exemplo, além da Biblioteca de Letras da própria “Sorbonne”, da Biblioteca da “Escola Normal Superior”/Rue d’Ulm e da Biblioteca Nacional da França/“François Mitterrand” –, nas quais estudamos com satisfação, lemos com afinco e obtivemos materiais de pesquisa mais raros, sobretudo artigos de revistas filológicas sobre Catão, Varrão e os agrônomos latinos de modo geral.

Na volta ao Brasil, dispusemos de mais dois semestres a fim de completarmos a escrita da tese e preparar-nos para a defesa, que ocorreu em inícios de 2006. Na ocasião, foram membros titulares de minha banca, além do orientador, os profs. Angélica Chiappetta (então docente de latim da FFLCH-USP), Flávio Ribeiro de Oliveira

(IEL-Unicamp), Marcos Aurélio Pereira (IEL-Unicamp) e Pedro Paulo de Abreu Funari (IFCH-Unicamp). Nesse momento, as oportunidades em mais de uma Instituição de ensino diversa da Unicamp determinaram minha aprovação em concurso(s) e o início efetivo de meus trabalhos docentes na FALE, “Faculdade de Letras” da UFMG, a partir de setembro de 2006 (mas isso daria outra história).

Abro, aqui, breves parênteses para lembrar que não sou, obviamente, o único classicista brasileiro em atuação profissional e oriundo dos bancos do IEL-Unicamp: entre outros, menciono as professoras Patricia Prata e Isabella Tardin Cardoso¹⁷ – atualmente docentes de Língua e Literatura latina nesse Instituto –, tendo a segunda construído sólida carreira internacional e sido, nos tempos de minha graduação, monitora de latim de minha turma; os professores Robson Tadeu Cesila e Sidney Calheiros de Lima – atuais docentes das mesmas disciplinas na FFLCH-USP e também, como a profa. Patricia Prata e eu, antigos orientandos do prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos –, a profa. Bianca Fanelli Morganti, da Unifesp/Guarulhos; a profa. Charlene Martins Miotti, da UFJF/Juiz de Fora; os professores e helenistas Daniel Rossi Nunes Lopes¹⁸ – com o tempo tornado, além de docente de Língua e Literatura grega da mesma

17. <<https://www.youtube.com/watch?v=BTrFQ1ExqpQ>> Acesso em 05 de junho de 2021.

18. <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3005200409.htm>> Acesso em 05 de junho de 2021.

FFLCH-USP, destacado estudioso e tradutor de Platão (em meus tempos de graduação, monitor das turmas de grego) –, José Carlos Baracat Júnior, da UFRGS/Porto Alegre, e Roosevelt Araújo da Rocha Júnior, da UFPR/Curitiba. Desculpando-me por algum eventual esquecimento, esses classicistas, hoje reconhecidos e respeitados em suas especialidades científicas, formados pelos profs. Trajano Augusto Vieira e Flávio Ribeiro de Oliveira, no caso das Letras helênicas, e dispersos por muitas das mais importantes Universidades brasileiras, conheci-os não como docentes universitários, mas como colegas dos cursos de graduação e/ou pós-graduação, monitores de língua grega ou latina, estudantes ou antigos companheiros de vivências acadêmicas e/ou pessoais.

O fato, ainda, de tantos classicistas de gerações próximas terem sido formados pelo IEL em meus tempos de frequência no Instituto como aluno atesta, além da vitalidade das discussões e do estudo em semelhante âmbito educativo, o florescimento que os Estudos Clássicos conheceram no Brasil entre o final do século XX e o início do XXI. Com efeito, muitos de meus colegas citados vieram logo a ocupar, por concurso de provas e títulos, postos de docência em diferentes Universidades públicas, preenchendo vagas deixadas em aberto pela aposentadoria de docentes de gerações anteriores. Em contrapartida,

nos tempos posteriores e até no presente, temos tido notícia do não preenchimento de vagas similares a essas, por motivos como o encolhimento (ou a gradual extinção) das áreas de Letras Clássicas em algumas Faculdades e Institutos pelo Brasil. Cabe, portanto, aos docentes-pesquisadores de grego e latim em atuação, a batalha constante por um espaço que, caso perdido, com maior custo será (ou não) reavido. Isso se dá, inclusive, pelo viés político e repassando com afinco às novas gerações de alunos a chama do legado greco-latino, o qual, dissemos, temos por uma das mais sólidas bases da cultura no Ocidente, em muitas manifestações artístico-literárias,¹⁹ míticas, esportivas,²⁰ jurídicas,²¹ filosóficas etc.

Como se vê por esta descrição sucinta e, espero, não demasiado mecânica, fui um privilegiado por estudar e pesquisar nas condições que tive: interiormente a um grande centro acadêmico como o IEL-Unicamp; desfrutando das excelentes infraestrutura e organização dessa Universidade; de mais de uma bolsa concedida por órgão público de reconhecida idoneidade e rigor; do aprendizado com docentes tão bem preparados e ciosos de seus deveres; ainda, do convívio acadêmico e/ou amizade com meu supervisor/orientador e com brilhantes colegas, dos tempos das saudosas aulas de latim até a conclusão da tese de doutorado. Se algo houve de meu interesse e

19. Kuntz, 2005, p. 74: “Comme dans le tableau [‘Pan et Syrinx’, de François Boucher – 1759], trois personnages se présentent dans le poème: le Faune et les deux naïades; le décor suggéré par le poète correspond à celui du peintre: le bois, les roseaux, la rivière, les roses, la lumière intense. Le Faune est un capripède, un dieu champêtre dont la représentation nous montre le haut du corps humain et le bas d’un animal, à la queue de cheval et aux pattes de chevreuil. Dans le poème de Mallarmé, ce sont les naïades qui sont poursuivies par le Faune”. – “Como na pintura [‘Pan e Syrinx’, de François Boucher – 1759], três personagens aparecem no poema: o Fauno e as duas náiades; o cenário sugerido pelo poeta corresponde ao do pintor: o bosque, os juncos, o rio, as rosas, a luz intensa. O Fauno tem pés de cabra, é um deus do campo cuja representação nos mostra a parte superior do corpo humano e a parte inferior de um animal, com rabo de cavalo e patas de veado. No poema de Mallarmé, são as náiades que são perseguidas pelo Fauno” (trad. nossa).

20. <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/como-os-gregos-inspiraram-olimpiadas-modernas.phtml>> Acesso em 04 de junho de 2021.

21. Veja-se Silva (2008).

empenho ao longo dos dez anos (!) com proveito passados na Unicamp, não posso obviamente deixar de ser grato a todos os que, então, contribuíram para ajudar a tornar-me parte importante do que sou.

Finalizo com uma curiosidade: não será, talvez, sabido de todos que a “topografia” mesma do IEL se harmoniza com a vocação Clássica de vários de seus alunos e professores. Afinal, o copado jardim interno entre a passagem das esculturas, à esquerda dos que vêm da Praça do Ciclo Básico, e o prédio de tijolinhos da administração do IEL se chama, extraoficialmente, “Arcádia”,²² sem envergonhar o porte tropical de suas plantas. Os poetas fingem e, com a devida vênia também à livre imaginação dos leitores, acabo estas linhas homenageando a “minha” Arcádia com os versos do *Romanceiro* ceciliano:

“Romance XX ou Do país da Arcádia” – estrofe III

O País da Arcádia
jaz dentro de um leque:
sob mil grinaldas,
verde-azul floresce.
Por ele resvala,
resvala e se perde,
a aérea palavra

que o zéfiro escreve.
A luz é sem data.
Nomes aparecem
nas fitas que esvoaçam:
Marília, Glauceste,
Dirceu, Nise, Anarda...
– O bosque estremece:
nos arroios, claras
ovelhinhas bebem.
Sanfonas e frautas
suspiros repetem.

(MEIRELES, 1975, p. 72-73)

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Lição de coisas**. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova Reunião**: 23 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CAMPOS, Augusto de. **Mais provençais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CATÃO. **Da agricultura**. Trad., introdução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

22. Desde 2014, *Arcádia* (“Revista de Literatura e Crítica Literária” – ISBN: 2446-9335) também é o nome de uma publicação do curso de Estudos Literários do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

GOLDHILL, Simon. **Amor, sexo & tragédia**: como gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje. Trad. Cláudio Bardella. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

KRONENBERG, Leah. **Allegories of farming from Greece and Rome**: philosophical satire in Xenophon, Varro and Virgil. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

KUNTZ, Maria Cristina Vianna. Un tableau, un prélude un poème: L'après-midi d'un Faune de Stéphane Mallarmé. **Revista InterFaces**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 22, p. 74-88, janeiro-junho 2015.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

OVÍDIO. **Arte de amar**. Trad., introdução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

OVÍDIO. **Arte de amar**. Trad. Natália Correia e David Mourão. Introdução de Zelia de Almeida Cardoso. São Paulo: Ars Poetica, 1992.

SILVA, Luís Antônio Vieira da. **História interna do Direito Romano Privado até Justiniano**. Brasília: Senado Federal, 2008.

SUETÔNIO. Vida do divino Augusto. In: SUETÔNIO; AUGUSTO. **A vida e os feitos do divino Augusto**. Trad. Matheus Trevizam, Paulo Sérgio de Vasconcellos e Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007, p. 51-115.

VARRÃO. **Das coisas do campo**. Trad., introdução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

DOCUMENTOS CONSULTADOS ON-LINE:

<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/21/mais!/10.html>> Acesso em 05 de junho de 2021.

<<https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/40761/traducao-da-vita-augusti-de-suetonio/>> Acesso em 03 de junho de 2021.

<<https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-8270>> Acesso em 05 de junho de 2021.

<<https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/82811/a-elegia-erotica-romana-e-a-tradicao-didascalica-como-matizes-compositivas-da-ars-amatoria-de-ovidio/>> Acesso em 05 de maio de 2021.

<<https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/80720/linguagem-e-interpretacao-na-literatura-agraria-latina/>> Acesso em 05 de junho de 2021.

<<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2013/09/19/editora-da-unicamp-tem-quatro-finalistas-do-premio-jabuti-2013>> Acesso em 05 de junho de 2021.

<<https://www.youtube.com/watch?v=BTrFQ1ExqpQ>> Acesso em 05 de junho de 2021.

<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3005200409.htm>> Acesso em 05 de junho de 2021.

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/como-os-gregos-inspiraram-olimpiadas-modernas.phtml>> Acesso em 04 de junho de 2021.

Recebido em: 06-06-2021.

Aceito em: 18-08-2021.